



MOVIMENTOS SOCIAIS*

TRADUÇÃO

Joseph Huber**

*Tradução de Aico Sipriano Nogueira***
Joaquim Aguiar Duarte*

Resumo: Os novos movimentos sociais (NSM) - ambientalismo, feminismo, pacifismo, etc. - não são realmente novos, mas vêm se mantendo de forma recorrente nos últimos duzentos anos. Tais movimentos têm um papel importante no processo da contínua modernização, ainda que tenham a intenção de serem antimodernistas. Agem no sentido de impulsionar uma readaptação periódica do sistema industrial ao seu contexto natural e cultural.

OS MOVIMENTOS SOCIAIS E O MODELO DE MODERNIZAÇÃO DE “LONGO CICLO”

Os movimentos sociais atraem a atenção, hoje em dia, sobretudo na forma dos chamados novos movimentos sociais. Nestes, o interesse é direcionado ao movimento estudantil, movimento ecológico, movimento alternativo, movimento feminista e ao movimento pacifista. Aparentemente, eles têm sido taxados de “novos” de maneira a distingui-los dos “velhos” movimentos trabalhistas.

Contudo, seguindo a história da industrialização (ou modernização) desde o século XVIII, percebe-se que os atualmente chamados NMS já apareceram, na sua forma original, diversas

* Traduzido do original inglês de Huber, Joseph. “Social Movements”, *Technological Forecasting and Change*, 35, 1989, pp. 365-374.

** Joseph Huber, sociólogo e economista, nasceu na Alemanha em 1948. É, presentemente, *Privatdozent* da Universidade Livre de Berlim. Entre as suas mais recentes publicações estão: *Telearbeit* (Teletrabalho), 1987; *Die neuen Helfer* (Sobre os Serviços Sociais e os Movimentos de Auto-Ajuda), 1987; *Ökologie und Sozialpolitik*, 1985; *Die zwei Gesichter der Arbeit* (Sobre uma Economia Dual), 1984; *Die Verlorene Unschuld der Ökologie* (Novas Tecnologias, Meio Ambiente e Desenvolvimento Superindustrial), 1982.

*** Aico Sipriano Nogueira é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH/USP. Joaquim Aguiar Duarte é professor de língua inglesa. Revisão técnica da Profa. Dra. Maria Helena Oliva Augusto, professora do Depto. de Sociologia da FFLCH/USP.



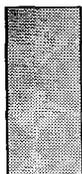
vezes. Tanto os “velhos” quanto os “novos” movimentos sociais constituem um fenômeno da modernização e, como será mostrado a seguir, estão associados ao desenvolvimento readaptativo do sistema industrial com relação a seus aspectos naturais e culturais. Independentemente de virem ou não a ser “pós-industriais” no futuro, eles ocorrerão enquanto os processos de modernização continuarem a existir.

A este respeito, não interessa que esses “novos” movimentos contemporâneos possam revelar flutuações a longo prazo, de modo que, caracteristicamente, correspondam às teias e correntes dos “longos ciclos” do desenvolvimento industrial. De início, deve ser dito que a aceitação ou rejeição do modelo de longo ciclo de maneira alguma implica a aceitação ou rejeição da tese da readaptação ou da flutuação do comportamento dos movimentos sociais a longo prazo. Ambas as teses existem por si mesmas; entretanto, seu valor elucidativo é ampliado quando são combinadas.

O “longo ciclo” – rotulado por Joseph Schumpeter como “*Kondratieff-cycles*”, a partir de um modelo pioneiro – são fases que duram de quarenta a sessenta anos, durante as quais tem se desenvolvido o sistema do mundo moderno até os dias de hoje¹. Esses longos ciclos formam o que Ernst Wagemann classifica como o “ritmo básico” da economia mundial ou, nas palavras de Werner Sombart, o longo ritmo no qual “o monstro pode ser ouvido inspirando ou expirando profundamente”. Esse quase-ritmo aparece quando velhos mercados e indústrias encontram limites ao seu desenvolvimento, fazendo com que, mais cedo ou mais tarde, os investimentos fluam para novos mercados e indústrias. Durante o período de sua ascensão e desenvolvimento, os novos mercados e indústrias corroem e sobrepõem-se aos velhos, tornando-se, por sua vez, obsoletos e, eventualmente, também são destruídos e ultrapassados por outros. Desta forma, períodos de acelerado crescimento e prosperidade são seguidos por tempos de estagnação e depressão.

Habitualmente distinguimos os longos ciclos, uns dos outros, de acordo com as inovações técnicas básicas relacionadas com os

¹ Um recente estudo sobre a teoria dos “longos ciclos” pode ser encontrado em Kleinknecht ((987). Ver também Freeman ((988).



mesmos (SCHUMPETER, 1939). Nos países onde eles primeiramente ocorreram (Grã-Bretanha, França, Holanda, Bélgica e também em parte da Alemanha/Áustria), a primeira fase teve lugar quase exatamente entre os anos de 1795 e 1848. O ápice e o ponto-limite que marcaram a passagem da fase de ascensão para a de queda ocorreram no final das guerras napoleônicas de 1815. O projeto-chave desse período era a mecanização da indústria têxtil, trazida pelo desenvolvimento das máquinas de fiar. O carvão e o ferro tomaram o lugar da madeira, tornando-se as mais importantes matérias-primas. As indústrias-chaves da segunda fase (de 1850 até metade dos anos 1890) foram as estradas de ferro e a navegação a vapor. A terceira fase foi a da eletrificação, acompanhada de um crescimento da aplicação da química (metade dos anos 1890 até a metade dos anos 1930, durante a guerra até 1950). A quarta fase, que aparentemente ainda estamos vivenciando, é a da motorização em massa, a era do petróleo. Hoje, tornou-se quase lugar-comum caracterizar para agora o advento do longo ciclo da computadorização em massa.

É claro que, durante certos períodos, alguns complexos industriais tiveram também um papel mais ou menos importante. Há também características excepcionais ou diferenciais de tempo relacionadas a certos países e ramos industriais. Essas fases também podem, inclusive, ser classificadas levando-se em conta critérios políticos e econômicos (NAMENWIRTH, 1973: 649-683; KLINGEMANN, MOHLER & WEBER, 1982: 1-18). Então ocorre que o moderno sistema mundial desdobra-se em mercados e instituições estatais, diferenciando-se e reestruturando-se de acordo com o curso dos “longos ciclos”.

É importante aqui reconhecer que os “novos” movimentos sociais contemporâneos e seus temas característicos parecem ocorrer no início ou, mais freqüentemente e massivamente do que antes, por volta do período que corresponde ao ápice de um longo ciclo. O momento dessa ocorrência pode se dar vários anos antes ou depois, porém dentro daquele espaço de tempo. Junto com o ápice e o surgimento da curva descendente (estagnação) de um longo ciclo,



os respectivos movimentos sociais ganham força, difundindo-se em segmentos mais amplos da população, depois do que, de forma gradual, se tornam, novamente, cada vez mais fracos. Quando a transição para um novo ciclo começa, esses movimentos – na medida em que ainda não se tenham exaurido ou sido dissolvidos internamente – se retraem, apenas para retornar novamente, décadas depois, com veemência ainda maior.

É claro que os movimentos que retornam nunca são inteiramente os mesmos. A era do sentimentalismo, inglesa e francesa, e a “*Sturm-und-Drang*” alemã, de 1760-80, diferem, de alguma maneira, da era romântica (1810-35), da mesma forma que esta diferiu do período boêmio da última metade do século, dos movimentos jovens e da *Lebensreform* – que persistiram até a I Guerra Mundial – e dos movimentos hippie, espontaneístas e alternativos de hoje. Porém, todos estes movimentos estão claramente relacionados uns com os outros.

As formas de organização e expressão assumidas por tais movimentos sucessivos podem diferir consideravelmente, e os grupos sociais que formam a base de um movimento podem, possivelmente, ter se expandido ou até mudado. O que se mantém inalterado, todavia, são os temas típicos e a questão principal. Relacionam-se, especialmente, às razões que motivam a emancipação pessoal e coletiva – seja para trabalhadores, mulheres, jovens ou velhos –, razões que enfatizam a inquietude da juventude, a busca de autênticos estilos de vida, motivos que acentuam a proteção da natureza e do meio ambiente (desde a preservação de monumentos históricos até a defesa contemporânea da ecologia), a dominante fadiga e a crítica ao crescimento da urbanização e do industrialismo, bem como, por último mas não menos importante, o pacifismo, os impulsos de expansão da consciência, a sensibilidade do corpo e da mente, a conscientização acerca do “potencial humano”, o conhecimento oriental, a prática esotérica. Com isso em mente, é possível compor uma lista dessas linhas típicas, apesar de não podermos perder de vista o fato de que nos movimentos reais estas linhas sejam freqüentemente sobrepostas:

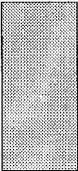


- movimento trabalhista;
- movimento feminista;
- movimento de jovens;
- movimento de idosos;
- *Lebensreform*;
- crítica da civilização (incluindo crítica da cultura, **indústria**, urbanização, capitalismo, burocratização, centralização, **ciência** e tecnologia);
- movimento de proteção à natureza e ao meio ambiente;
- movimento nativista;
- movimento pacifista;
- expansão da consciência, personalidade, **sensitividade, etc.**;
- movimentos espiritualistas.

EXEMPLOS DE MOVIMENTOS SOCIAIS NO PRIMEIRO “LONGO CICLO” (MOVIMENTOS NACIONAIS DE JOVENS, ROMANTISMO, PRIMÓDIOS DO SOCIALISMO)

Os temas típicos e as questões mencionadas **acima já** encontram uma clara expressão no primeiro longo ciclo, especialmente no período entre 1815 e 1848. Por exemplo, a juventude burguesa na Alemanha formou um movimento estudantil de protesto nacional-democrático que, eventualmente, forneceu as bases para que outros grupos se juntassem para formar a “Europa Jovem” entre 1834 e 1838 (paralelo a desenvolvimentos similares em outros países, como a “*Giovine Italia*”, “*La Jeune France*”, “*Young Ireland*”, “*Young Poland*”).

O movimento de protesto jovem teve algumas conexões pessoais e programáticas com o romantismo, que determinaram o *Zeitgeist* de todo o período. A redução da importância atribuída às formas sociais herdadas – senão a sua completa dissolução – como meio de atingir o imediato e “autêntico” acesso à vida, a si mesmo,



ao próximo e à natureza é um dos temas centrais do romantismo. Isto implica as mais diversas teorias da alienação, acompanhadas de avaliações negativas concernentes à moderna sociedade industrial e hipóteses (de forma geral certamente prejudicadas) sobre a “verdadeira essência” da natureza e das pessoas.

Na Inglaterra, por exemplo, os adventistas se estabeleceram por volta de 1830. Foram os primeiros a defender uma mistura “alternativa” de religiosidade (**espiritualismo**), vegetarianismo e alteração do estilo de vida. **As experiências de grupo** conduzidas naquele tempo pelos **socialistas utópicos** podem ser consideradas como um tipo de **primeiro projeto alternativo** posto em cena. As primeiras iniciativas de cidadãos foram formadas para a preservação de monumentos históricos e para a preservação da própria terra. Na Alemanha, por exemplo, uma iniciativa dos cidadãos foi programada com o propósito de proteger as ruínas de castelos, ao longo do rio Reno, dos interesses dos mineradores, assim como a sua preservação junto com as florestas ao redor e os campos de vinicultura, como monumentos culturais.

A teoria malthusiana forneceu as bases do primeiro debate acerca dos limites do crescimento populacional. Tal teoria, que foi publicada em 1798, mas que não foi amplamente divulgada até 1820 e 1830, sustentava que é inútil tentar prover o bem-estar geral através da industrialização, já que a taxa de nascimento dos pobres sempre tende a ultrapassar os meios para a sua subsistência. John Stuart Mill formulou suas idéias sobre um estado econômico estacionário ou estável, as quais, na verdade, formam a primeira teoria do crescimento zero. Foi um dos primeiros defensores da tese da contraprodutividade ou teoria dos custos sociais: os benefícios crescem menos rapidamente do que os danos trazidos pela industrialização (a qual estava, então, apenas em seus estágios iniciais!). Os métodos industriais da agricultura privavam a paisagem de seu charme. As pessoas deveriam trabalhar menos e dedicar mais atenção ao domínio da arte de viver.

Tais proposições e atitudes também tiveram influência determinante nas teorias políticas românticas e econômicas (na



Alemanha, Adam Müller, Franz Baader e Joseph Görres). Entre os anos de 1810 e 1835 eles produziram trabalhos críticos sobre a indústria e o capitalismo que, já então, continham todos os elementos essenciais da ecoliteratura contemporânea – incluindo, entre outras coisas, a convicção de que o cultivo industrial do solo equivale a “alta traição”; de que as contínuas ondas devoradoras da indústria comercial que se espalham pela terra apenas servem para tirar as pessoas do correto caminho da vida (alienação); de que o mercado sem regras necessariamente leva a uma crise periódica na qual, simplesmente com o objetivo de enriquecer uma classe de capitalistas ateus, os recursos naturais e humanos existentes são destruídos, resultando em esgotamento e depauperamento monstruosos. Acusavam o mercado de trabalho livre como “escravidão branca”. O desenvolvimento da proletarização e a pauperização eram processos que não poderiam ser ignorados por mais tempo.

Em comparação com outros países europeus, o romantismo austro-germânico tomou um rumo conservador, mas apesar disso teve sucesso, dando uma contribuição pioneira no sentido de apontar e formular os temas centrais da questão social. É difícil conceber o marxismo, por exemplo, destituído de uma crítica romântica/social, não obstante o fato de Marx – tal como Goethe ou Heine, antes dele, Lukács ou Nietzsche, depois – ter aderido àqueles círculos de autores que firmemente se recusaram a admitir a presença da influência romântica em seus trabalhos (BREINES, 1977: 473-489; GOULDNER, 1975).

Apesar disso, paralelamente à crítica social-romântica, a rebelião de Luddite, de fato, ocorreu na Inglaterra entre 1811 e 1816, seguida por uma série de rebeliões trabalhistas no continente durante as décadas de 1830 e 1840, mais notadamente a grande onda de rebeliões em Lyon e Silésia. As primeiras organizações de operários e de trabalho manual especializado foram formadas, e entre elas os cartistas, em 1836-38.

Nos mais altos círculos burgueses, especialmente na Inglaterra, as primeiras disputas surgiram em torno do direito do voto da mulher. Confrontamo-nos, ao mesmo tempo, com uma das



primeiras mulheres “liberais” na figura de George Sand (1804-76), a poetisa francesa que assumiu um nome masculino e fumava cigarros. Apesar de ser uma personalidade de destaque, ela não foi, de maneira alguma, a única, mas um expoente do emergente movimento de libertação da mulher.

No que concerne aos movimentos pela paz, os menonitas e quacres, em Londres e Nova York, fundaram as primeiras sociedades pacifistas (1815-16). Tal como muitos outros conceitos políticos essenciais na época, como “classe social” e “questão social”, a palavra “pacifismo” apareceu, primeiramente, na França, nos anos 1840. Os primeiros congressos internacionais sobre a paz tiveram lugar em Bruxelas, em 1848, Paris, em 1849, e Frankfurt, em 1850.

No que diz respeito à expansão de uma consciência crítica do racionalismo, finalmente foi feita uma menção ao estabelecimento de seitas. Típico dessa época, por exemplo, foi também Schopenhauer, que procurou refúgio no hinduísmo e no budismo. Além disso, o próprio romantismo foi, sem dúvida, um movimento de intensificação da consciência e de desenvolvimento da personalidade, que incluía o consumo de drogas e o esoterismo. Apesar de ter sido limitado a pequenos círculos de artistas e literatos, todos os ingredientes do “boom” psíquico podem ser vistos como preexistentes. Só recentemente, contudo, esse fenômeno assumiu as proporções de um florescente mercado do corpo-e-mente.

Este artigo não pode e nem deve ter o propósito de discorrer acerca de movimentos individuais, tais como os listados acima. É igualmente impossível dar aqui um resumo dos elementos característicos desse modelo no segundo, terceiro e, finalmente, quarto longo ciclo vivido hoje, porque esses movimentos e suas características diferenciam-se passo a passo, numa extensão que vai muito além dos limites de um artigo como este. Aqui deve bastar apresentar o estado atual da hipótese. Extensiva documentação de apoio, mais detalhada, pode ser encontrada na literatura.



O PARADIGMA DA ECOLOGIA HUMANA E O PAPEL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA READAPTAÇÃO SOCIOECOLÓGICA DO SISTEMA

A despeito de suas diferenças particulares, os movimentos sociais têm em comum o fato de problematizarem aquilo a que se referem como “questões sociais” e “questões ecológicas”, que hoje em dia estão submetidas aos paradigmas da **ecologia humana** (algumas vezes como **ecologia social**). O **paradigma da ecologia humana** também inclui questões de cultura em sentido **mais estrito**. A **ecologia social** estuda a relação entre o **sistema industrial e o seu meio ambiente**. Esta relação não é apenas **biofísica**, **mas também** **sociocultural**.

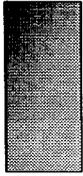
As causas e preocupações imediatas dos **movimentos sociais** baseiam-se na reestruturação da relação **entre sistema e meio ambiente**, isto é, na relação entre o **sistema industrial e o seu ambiente cultural e natural**. De acordo com a **natureza dessa relação**, os movimentos sociais podem partir de dois pontos. De um lado, podem assumir a forma de uma crítica da **tendência a uma visão unilateral e outros problemas associados ao desenvolvimento do sistema**, e neste caso os movimentos sociais estão constantemente preocupados com a **proteção das pessoas e da natureza frente ao desenvolvimento do sistema**, ou com a **(re)implantação do próprio sistema no seu meio ambiente natural e cultural**. Por outro lado, podem também tomar a forma de um impulso ao desenvolvimento **sociocultural que opera autonomamente**, caso relativo, por exemplo, à **emancipação e ao desenvolvimento da personalidade**. A demanda por fazer justiça a esses impulsos é colocada sobre o **sistema industrial pelo contexto cultural “de fora”**, como era antes. Como uma regra, ambos os pontos de partida são seguidos mais ou menos **simultaneamente**. Os movimentos **trabalhistas e feministas** oferecem, aqui, um bom exemplo: enquanto crítica às manifestações **especificamente repressivas e exploratórias do desenvolvimento do sistema**, também desenvolvem, em parte, visões gerais de **emancipação inteiramente independentes**. Pode-se dizer, então, **que a causa e a tarefa imediatas dos movimentos sociais encontram-**



se na readaptação socioecológica do desenvolvimento do sistema industrial às demandas e exigências nele colocadas por seu contexto natural e cultural.

Em ambos os casos – as questões relativas à cultura e à natureza, que brotam do desenvolvimento do sistema, ou as questões da reforma desse, que surgem no interior de um contexto cultural ou natural em expansão – os movimentos sociais colocam, acima das demandas do sistema, prioridades normativas sobre o contexto natural e cultural. Entretanto, em ambos os casos, eles pretendem realizar a readaptação do sistema ao seu meio ambiente e não a adaptação das pessoas ou da natureza aos imperativos daquele. Devido à prioridade dada pelos movimentos sociais à “esfera da vida”, eles são enfaticamente antitecnocráticos. O fato de, na maioria dos casos, acabarem forçando as pessoas e a natureza a se adaptar melhor não é, de qualquer forma, intencional, e isso explica os problemas que os movimentos sociais têm com todas as formas de *Realpolitik*. Contudo, visto que seus objetivos implicam a reforma reestruturadora de um sistema e todo processo de reestruturação necessariamente envolve, de fato, uma expansão ou construção do mesmo, os movimentos sociais, querendo ou não, são também envolvidos nessa construção.

A abordagem da readaptação socioecológica também fornece uma teoria para o caráter flutuante dos movimentos sociais a longo prazo, suas idas e vindas, fortalecimento e enfraquecimento, expansão e estagnação. As fases de ascensão dos longos ciclos (da era napoleônica até 1815, o período de glória burguesa de 1848-73, a *Belle Époque* 1895-1915/20, o período do “milagre econômico” de 1948/52-1967/73, aproximadamente) não são apenas períodos de crescimento e prosperidade; também trazem à tona – ou simultaneamente ou com um certo atraso – resistências e problemas sociais e ecológicos. No seu processo de desenvolvimento, o sistema entra num estado de tensão com seu contexto natural e cultural. Esse contexto (sistema/meio ambiente) deve ser, então, em parte desenvolvido junto com ele, ou o sistema deve ser readaptado às suas condições sociais e ambientais por meio de reformas ou



inovações. Esta é, precisamente, a causa e o objeto dos movimentos sociais.

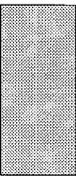
Sua temática central, na fase de ápice de um longo ciclo, ainda está, ocasionalmente, na forma de um próspero protesto utópico. Contudo, assim que o longo ciclo entra no seu período de declínio, tomam, acima de tudo, a forma de movimentos em crise. Os movimentos sociais se estagnam, se enfraquecem, ou até se dissolvem quando conseguem alcançar um certo grau de ressonância, quando seus objetivos ganharam maior ou menor aceitação, e quando – em adição à sempre presente dinâmica de exaustão interna – uma onda ascendente vinda de fora, mais nova, surge no sistema.

Os movimentos sociais servem ao desenvolvimento da sociedade moderna como uma fonte de autocrítica e autocorreção². Eles são movimentos integralmente modernos, mesmo quando seus estatutos e intenções eventualmente gerem equívocos a seu respeito. Seu efeito é uma modernização adicional da era moderna. Até agora, parafraseando Mefisto, no *Fausto* de Goethe, eles têm servido como uma força constante, uma força que, apesar de nem sempre desejar o melhor para a sociedade industrial, sempre produz esse melhor.

Freqüentemente, contudo, os movimentos sociais também se vêem como movimentos de modernização. Isso se aplica, especialmente, para a maior parte do movimento trabalhista. O movimento jovem nacionalista-democrático por volta do começo do século XIX ou a maioria dos movimentos feministas são também movimentos progressistas, isto é, agarram-se fortemente aos elementos essenciais da utopia racionalista do progresso social, bem-estar universal, paz eterna, igualdade política e paridade econômica para todas as pessoas, bem como à sua liberdade individual a ser desenvolvida dentro do contexto de uma sociedade aquisitiva moderna.

Ainda, da mesma forma, é correto observar os movimentos sociais como portadores da tradição romântica rousseuniana da era moderna. Certas tendências menos importantes dentro do movimento trabalhista e, ainda, minorias mais consideráveis do

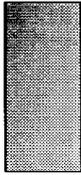
² Veja também Brand, Büsser e Rucht (1986) e Huber (1980).



movimento feminista (culto à maternidade, à lua, à natureza ou similares) poderiam ser mencionadas aqui. Acima de tudo a revolta jovem, o movimento por um estilo de vida alternativo, o movimento pacifista, os movimentos de preservação cultural e do meio ambiente têm o cuidado, na sua maioria, de manter-se dentro dessa tradição. Em um contraste complementar às tendências progressistas, dentro dos movimentos sociais, pode-se falar, aqui, de suas tendências regressivas. Essa é a razão pela qual Horst von Gyzicki descreveu os movimentos sociais – correta mas insuficientemente – como uma “regressão criativa”.

As regressões parecem desempenhar um importante papel em todo o complexo processo de desenvolvimento do sistema. Sua função é resgatar aqueles aspectos de um processo necessários à sua contínua sobrevivência, os quais estão ameaçados de atrofia e desaparecimento – aproximando-se e unindo-se a eles. Isso envolve processos reflexivos de autoconfiança, readaptação e reidentificação crescentes. As fases regressivas contribuem para isso, no entanto, apenas até o momento em que elas levem a novas progressões, assim como, inversamente, toda progressão, mais cedo ou mais tarde, defronta-se com limites internos ou externos que querem ser “dominados” para que o processo de desenvolvimento possa continuar.

O exemplo do movimento ecológico contemporâneo serve para elucidar isso. Durante os anos 70, a “regressão criativa” neomaltusiana dominava – em parte conservadora (tal como o Clube de Roma e o debate sobre os limites do crescimento, por exemplo), em parte radical (tal como os Novos Alquimistas e o Movimento de Tecnologia Radical). Cada um deles possuía sua dose apropriada de neo-romantismo. No curso dos anos 80, no entanto, começou a prevalecer o julgamento de que a metamorfose ecológica não pode existir/subsistir separada ou em oposição ao desenvolvimento contínuo do sistema, mas, de preferência, mesmo em conflito, somente nele e com ele. Ainda que não exclusivamente, a resposta para a questão ecológica deve também apoiar-se na contínua modernização, baseada na ciência e tecnologia, enquanto,



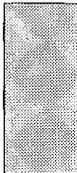
ao mesmo tempo, encontrar os requisitos da eficiência econômica, bem-estar social e um Estado governado sob a autoridade da lei. Essa é a nova mudança progressiva que tem tomado lugar dentro das fileiras dos “verdes” (*Grünen*) realistas (mesmo como “realistas”, contudo, eles constantemente tentam forçar o sistema a ajustar-se às necessidades culturais e naturais, e não o contrário); os “fundamentalistas”, por sua vez, estão mostrando crescentes sinais de uma patologia regressiva.

Não é possível, simplesmente, classificar os movimentos sociais como “progressivos” ou como “regressivos”. Eles mostram sempre ambas as tendências, embora com ênfase em diferentes pontos. Isto baseia-se na natureza de sua missão socioecológica. Os movimentos sociais não são contra ou a favor do progresso como tal (eles são, *nolens volens*, modernos); antes, eles reagem de uma forma progressiva ou regressiva (ou com uma confusa combinação entre ambas) aos problemas do progresso. A questão de como o sistema e o meio ambiente podem ser readaptados um ao outro é respondida de ambas as formas: “continue como antes/continue diferentemente” e “pare/reverta o processo”. As duas opções permanecem.

OS SUPORTES SOCIAIS

(CLASSES, ESTRATOS, AMBIENTES SOCIAIS)

Freqüentemente, as classes, estratos e ambientes (*milieus*) que sustentam os movimentos sociais vêm ocupar o centro das atenções. Alguns acreditam que o uso desse critério de classificação torne possível não apenas descrever empiricamente os movimentos sociais mas, também, defini-los teoricamente. É também levado em consideração o critério que distingue o movimento trabalhista dos NMS, visto que o movimento operário era composto, principalmente, por trabalhadores urbanos qualificados, operários industriais e,



mais tarde, também pelos trabalhadores de “colarinho branco”. Mas, apesar de os intelectuais burgueses terem assumido, de fato, um papel importante e, geralmente, dominante no movimento operário, sempre constituíram neste uma minoria numérica. Por outro lado, os ativistas e simpatizantes dos NMS têm vindo, na maior parte das vezes, exclusivamente dos estratos médios, em especial aqueles estratos profissionais e sociais com uma formação cultural iluminista e protestante, no sentido mais amplo.

O critério de classe é, todavia, de valor de definição dúbio, já que a estrutura de classes da sociedade moderna, quando considerada em sua dimensão histórica, muda (tornando-se diferenciada) com uma surpreendente velocidade. Será ainda possível fazer algumas comparações coerentes entre os aristocratas, membros das classes mais altas, das classes educadas, a pequena burguesia, trabalhadores manuais qualificados, operários e agricultores por volta da metade do século XIX e as diversas categorias que compõem as classes médias na sociedade contemporânea? No melhor dos casos, seria possível traçar conclusões relativas à direção da difusão do movimento social: enquanto o movimento trabalhista dirige-se, *grosso modo*, “da base para o topo”, os NMS tendem a proceder “do topo para a base”.

Essa conclusão indica que os movimentos sociais, de tempos em tempos, fazem uma tentativa no sentido de estender-se externamente e, dessa forma, ampliar-se. Isso não implica, necessariamente, que o número real de ativistas esteja continuamente aumentando, mas que, em cada caso, os movimentos se aproveitam de uma ressonância sempre crescente em cada vez mais estratos e ambientes sociais (*milieus*) e que isto continua a ocorrer em cada vez mais países.

O movimento de mulheres demonstra isso claramente. Durante a primeira metade do século XIX, a libertação das mulheres era uma preocupação de pequenos círculos de membros tanto educados como intelectual e culturalmente conscientes das altas classes da Inglaterra e também da Holanda e da França. Na segunda metade do século, contudo, as organizações de direitos das mulheres



também existiam na Itália, Alemanha e Escandinávia e incluíam estratos de toda a burguesia. Já bem organizado antes e depois da I Guerra Mundial, esse movimento recebeu suporte adicional da antiga pequena burguesia, dos novos estratos de empregados e também de grupos da classe trabalhadora (dissidentes de um movimento feminista proletário) e, nessa época, alcançou também o Leste Europeu e a União Soviética. Nos anos 60, finalmente, o movimento de mulheres apareceu, mais uma vez, sob a forma do feminismo no centro hegemônico da época, os Estados Unidos, tal como os outros NMS, e rapidamente se espalhou pela Europa, Japão e, então, para os países periféricos e em desenvolvimento do sistema mundial. Hoje, movimentos de mulheres, ecológicos e alternativos altamente desenvolvidos podem ser encontrados, por exemplo, em países como Argentina e Brasil.

Mesmo que os NMS nos países periféricos estejam, ainda, claramente limitados aos altos estratos sociais, nas metrópoles do hemisfério norte os impulsos feministas e ecológicos já alcançaram um certo grau de ressonância entre os estratos médios mais baixos. Esses impulsos permanecem totalmente estranhos apenas a ambientes (*milieus*) de estratos baixos.

A formação do mundo moderno em ritmos de longos ciclos, de quarenta a sessenta anos, inclui, de forma crescente, mais estratos sociais num número cada vez maior de países do mundo. Do mesmo modo, esses movimentos sociais típicos podem também ser encontrados em cada vez mais estratos sociais e países.

ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICOS

O que acontece quando os movimentos sociais vão além do limiar da resposta das minorias, para alcançar uma ressonância entre uma maioria de pessoas, e quando suas organizações não mais suportam meramente os processos usuais de institucionalização



mas tornam-se suportes constituintes da construção de instituições sociais? O movimento operário fornece o principal exemplo aqui, seguido, até certo ponto, pelo movimento pacifista (Convenção de Haia, Liga das Nações e Estados Unidos). É provável que as organizações que constituem o movimento de mulheres e também o crescente movimento de idosos sigam um curso similar nas gerações vindouras.

O nacional-socialismo e o fenômeno do fascismo europeu, do modo como ocorreram dos anos 20 aos 40, são, freqüentemente, mencionados em conexão com a questão da resposta das massas, do estabelecimento e até da estatização dos movimentos sociais. Por essa razão, é importante distinguir um pouco mais exatamente entre movimentos sociais e movimentos políticos. O nacional-socialismo (o NSDAP) foi um movimento político. Partidos comunistas ou, em muito menores dimensões, o Partido Verde (*German Grünen*) constituem movimentos políticos – como, claro, toda atividade que ocorre dentro do triângulo dos partidos liberal, conservador e socialista, ainda que, por vezes, possa parecer que, de fato, muito pouco esteja acontecendo.

Os movimentos políticos indubitavelmente tiram seu suporte dos movimentos sociais e neles recrutam os seus membros. O nacional-socialismo dificilmente teria sido imaginável sem os movimentos sociais dos *hyper-Germannes* românticos (os cultos teutônico e ariano), anti-semitismo, crítica pessimista do capitalismo e da indústria (*“Kulturpessimismus”*), o movimento nacionalista pela natureza e pela preservação da terra natal (*“Blut und Boden”*). Contudo, apenas alguns desses movimentos sociais forneceram uma fonte para o fascismo, e eles não foram as únicas fontes. Os movimentos sociais como tais não estavam, certamente, predispostos ao fascismo. Embora um desvio para o fascismo fosse possível, não era necessário que acontecesse.

Um movimento social pode, por um lado, vir a ser, ou até mesmo fomentar, um movimento político, empenhar-se em procurar métodos inerentes a um sistema dado para mudar este mesmo sistema e em buscar posições de poder dentro do Estado e da



economia. Todavia, pode também optar por não fazê-lo, uma decisão que é tomada por muitos daqueles que lutam por uma transformação pessoal e uma mudança no estilo de vida, por exemplo, para não mencionar a legião de seitas espiritualistas. Por outro lado, um movimento político pode ser formado sem a base e a precedência de um movimento social em particular. O “poujadismo”³ e outros “partidos de contribuintes” (“*taxpayer parties*”) ou o “neoconservadorismo” americano dos anos 80 servem como exemplo disso.

A distinção entre movimentos sociais e políticos tem seu equivalente na pesquisa anglo-saxã sobre os movimentos sociais, marcada por uma controvérsia em relação a se tais movimentos são formas não institucionalizadas de ação coletiva ou se têm origem e se desenvolvem em formas institucionalizadas. A primeira é conhecida como “abordagem tradicional” (*traditional approach*), enquanto a última é identificada como “abordagem de mobilização de recursos” (*resource mobilization approach*) (JENKINS, 1983: 527-553). Apesar de os processos de difusão em ambas as direções serem teoricamente possíveis, conheço apenas, na prática, exemplos da institucionalização política de movimentos sociais, não o inverso – a menos que se opte por considerar campanhas extensivas como “movimentos sociais”.

Desde os anos 60, os NMS têm evoluído para movimentos políticos apenas parcialmente. Os “verdes” (*Grünen*), cujas origens remontam aos movimentos ecológico, de mulheres e também, em alguma medida, ao movimento pacifista, realmente constituem uma exceção à regra. Na maior parte de outros países, ao contrário da Alemanha, a mera ameaça de nova competição política é suficiente para que partidos estabelecidos cooptem os temas e preocupações importantes dos NMS. Tornou-se oportuno para os políticos de todos os gêneros se auto-retratarem como ambientalistas e amantes da paz, sendo que são também muito solidários aos problemas das mulheres.

Por sua própria natureza, aqueles movimentos sociais que são, predominante ou exclusivamente, influenciados pela tradição

³ Poujadismo: movimento antiparlamentarista e de um nacionalismo intransigente, identificado com a extrema direita. Surgido na França, em 1953, explorava os descontentamentos das camadas mais modestas de artesãos, do pequeno comércio e do campesinato. Seu nome é derivado de seu fundador, Pierre Poujade (N. dos Trad.).



romântica rousseauniana são pouco inclinados à estabilidade organizacional e à institucionalização política. Assim, são muito mais inclinados a violentas arrancadas de atividades e estímulos do espírito que prevalecem na época. Como as rodas do tempo não param, o espírito da época vem se modificando novamente. O futuro dos NMS se tornou, por agora, já passado. Todavia, eles terão, novamente, outro futuro já próximo – uma renovada promessa de uma nova era de formação de idéias; na prática, mais um passo para a modernização.

Abstract: The Social Movements - environmentalism, feminism, pacifism, etc. - are not really new, but recurrent for at least two hundred years. They play an important role in the process of ongoing modernization, even if they intend to be antimodernistic. They push for the periodical readaptation of the industrial system to its natural and cultural context.

BIBLIOGRAFIA

- BRAND, K.-W., BÜSER, D., and RUCHT, D. *Aufbruch in eine audere Gesellschaft*. Frankfurt, New York, Campus, 1986, pp. 27ff and 269ff, esp. p. 283.
- BREINES, P. Marxism, romanticism and the case of G. Lukacs. *Studies in romanticism* 16(4), 1977, pp. 473-478.
- FREEMAN, C., CLARK, J., and SOETTE L. *Unemployment and technical innovation. A study of long waves and economic development*. London, Frances Pinter, 1982.
- GOULDNER, A. W. *For sociology*. New York, Penguin, 1975, pp. 321ff.
- HUBER, J. Human ecology. *Journal of Public and International Affairs*, 5(1), 1984, pp.122-132.



- _____. *Die Alternativen der Alternativbewegung*, Berlin, Rotbuch, 1980.
- JENKINS, J. C. Resource mobilization theory and the study of social movements, *Annual Review of Sociology*, 9, 1983, pp. 527-553.
- KLEINKNECHT, A. *Innovation patterns in crisis and prosperity: Schumpeter's long cycle reconsidered*. New York, Macmillan, 1987.
- KLINGEMANN, H. D., MOHLER, P. Ph., and WEBER, R. Ph. **Cultural indicators** based on content analysis: A secondary analysis of Sorokin's **data fluctuations** of systems of truth. *Quality and quantity*, 16, 1982, pp.1-18.
- MARCUZZI G. *Elementi de ecologia umana*. Bologna, Patron, 1976.
- NAMENWIRTH, J. Zvi. **Wheels of time and the interdependence of value change** in America. *Journal of Interdisciplinary History*, 3(4), 1973, pp. 649-683.
- SARGENT, F. *Human ecology*. Amsterdam, North-Holland, 1974.
- SCHUMPETER, J. A. *Business cycles. A theoretical, historical, and statistical analysis of the capitalist process*. New York, McGraw-Hill, 1939, 2 vols.
- SCHWENDTER, R. *Zur Geschichte der Zukunft*. Frankfurt au Main, Syndikat, 1982.
- SIEFERLE, R. P. *Fortschrittsfeind? Opposition gegen Technik und Industrie von der Romantik bis zur Gegenwart*. Munich, Beck Verlag, 1984.
- STAPLETON, G. *Human ecology*. London, Faber and Faber, 1964.
- TOURAINÉ, A. *La société pos-industrielle*. Paris, Denoel, 1969.
- WEBER, R. Ph. Society and economy in the western world system. *Social Forces*, 59(4), 1981, pp. 1130-1148.